

O DESAFIO DO DOCENTE UNIVERSITÁRIO NA CONTEMPORANEIDADE

Andreza Karla Garcia Azevedo¹ e Paula Vilma Soares²

Faculdade Metropolitana de Manaus

(karla.and@hotmail.com)

(paulla.soares@outlook.com)

RESUMO

Com o avanço da tecnologia, o docente necessita reescrever o seu papel e evoluir para ser mais dinâmico e proativo de modo a trabalhar com os seus discentes métodos que os estimulem a participar ativamente nas aulas e na compreensão do que é ensinado. Pois, o docente atua com cenários adversos: salas superlotadas, conversas paralelas, usos de recursos tecnológicos indevidamente e, principalmente, a diversidade humana com suas singularidades e especificidades. É fato hoje pensar que os métodos tradicionais de ensino se revelam inadequados às características da sociedade em transformação, por isso surgiram os métodos novos de ensino que procuram analisar os alunos de forma que ele aprenda e seja o centro de tudo. Tais métodos se renovam a cada dia, devido ao avanço das tecnologias e o conhecimento adquirido no dia a dia do aluno.

Palavras-chave: professor, mediador, motivação e metodologias ativas.

ABSTRACT

Technologies have been advancing, the teachers need to rewrite their role and evolve to be more dynamic and proactive in order to work with their students on methods that encourage them to participate actively in class and in understanding what is taught. Because, the teacher acts with adverse scenarios: overcrowded classrooms, parallel conversations, improper use of technological resources and, specially, human diversity with its singularities and specificities. It is true today to think that traditional teaching methods are inadequate to the characteristics of changing society, so new teaching methods have emerged that seek to analyze so that they learn and are at the center of everything. Such methods are renewed every day, due to the advancement of technologies and the knowledge acquired in the students daily life.

1 Licenciatura em Pedagogia, Universidade Federal do Amazonas UFAM, pós-graduada em Docência Universitária FAMETRO.

2 Bacharel em Psicologia, Centro Universitário do Norte, pós-graduada em Psicologia Jurídica, Centro Universitário FAMETRO, pós-graduada em Docência Universitária FAMETRO.

Keywords: teacher, mediator, motivation and active methodologies.

INTRODUÇÃO

No estudo a seguir nortearmos mais sobre os desafios do docente universitário na contemporaneidade e as propostas de metodologias ativas no século XXI. O professor de épocas passadas ministrava aulas com poucas iniciativas, sendo elas, de forma sucinta, apenas explicações, ou seja, sem deixar margem para o aluno criar contextos com as suas próprias ideias. Para isso, falaremos sobre os desafios dos processos de ensino-aprendizagem do docente universitário e citaremos as referências literárias que abordam as metodologias ativas, ou seja, a explanação dos conhecimentos de forma interativa podendo entusiasmar o aluno para o processo da construção do saber sendo, também, uma ferramenta para o desenvolvimento educacional em prol de uma prática pedagógica que obtenha êxito.

Diante dos desafios que o professor universitário enfrenta no dia a dia, surge o questionamento de como utilizar as metodologias ativas em sala de aula. Encontramos professores e alunos presos em um método pouco eficaz e o espelho disso são salas cheias, com alunos de pouco desenvolvimento intelectual, aula apenas de caráter expositiva e sem nenhum atrativo.

O artigo demonstrará que esta pesquisa é de natureza qualitativa; o método, em questão, é predominantemente exploratório e o seu meio bibliográfico. Para melhor entendimento do assunto, informam-se os obstáculos que o docente universitário enfrenta mediante as novas demandas do processo pedagógico, ou seja, de como a educação é repassada em sala de aula e qual a proposta de melhor eficácia para a transmissão do conhecimento, sendo abordado, então, a respeito das metodologias ativas com a finalidade de ser proativa e a fim de alcançar objetivos para sanar a dificuldade existente.

Abordaremos o processo de motivação do professor na sala de aula, o seu papel como ferramenta para o ensino e aprendizagem e a possibilidade de motivar os alunos que se encontram desmotivados com os estudos. Frisando ser um desenvolvimento árduo de efeitos que tardam para apresentar resultados.

O PAPEL DO DOCENTE UNIVERSITÁRIO NA ATUALIDADE

Ao longo do tempo, o professor foi considerado a peça central no processo de ensino aprendizagem, prática essa que, em algumas vezes, vem sendo aplicada de maneira repetitiva e mecânica na forma de passar o conteúdo aos alunos, sendo valorizada a memorização e “a repetição”, sem qualquer indagação ou questionamento daquilo que estavam absorvendo. Sendo assim, aulas técnicas,

expositivas e com pouca participação dos alunos.

Como forma de medir o grau de conhecimento dos alunos, em relação ao conteúdo ministrado, infere-se uma avaliação em que a nota é atribuída mediante as questões respondidas. É o que Paulo Freire (1987) chama de “educação bancária”, isto é, método tradicional de ensino, cujo papel do professor é depositar conteúdo e informações nas cabeças dos alunos.

De acordo Brunner (1994), os educadores devem se preocupar com pressupostos, condições, processos e resultados de métodos de ensino e aprendizagem para que ela ocorra. Os aspectos característicos da exposição também aparecem na conceituação de Brown (1985, 29-87) para quem: “... uma exposição consiste numa pessoa que fala para muitas sobre um tópico ou tema. A fala pode ser complementada pelo uso de recursos audiovisuais e por perguntas ocasionais”.

Já Godoy (1989) nos leva a reafirmar o valor da aula expositiva, sobretudo, quando os alunos ainda precisam de ambientes de ensino mais estruturados para seu aprendizado e apresentam dificuldades em lidar com o texto escrito e usar com eficiência material bibliográfico indicado pelo professor.

O docente não pode usar “exemplos prontos” em uma sala de aula ou utilizar dos métodos modismos, pois não condizem com a realidade da turma em questão. Na atualidade, grande parte dos professores está deixando de ter aula de habilidades voltadas às práticas, pois são questionadas devido à estrutura curricular conteudista. É necessário ressaltar a importância de procurar dirigir o crescimento do educando para objetivos fidedignos e aguçá-los na curiosidade é a melhor forma que o docente possui para saber se o discente compreende de forma sucinta e se o processo de aprendizagem está sendo satisfatório.

A trajetória do professor na sala de aula depende dos esforços na hora de produzir o plano de aula, pois se faz necessário trazer tarefas de conteúdo que fazem parte da construção do consenso crítico formal. O professor que “não” traz inovação acaba com a motivação de seus alunos, ficando uma aula “maçante” e, às vezes, acaba por não ser ajustada.

O professor que usa a ferramenta do “poder” perante aos discentes, de uma forma ou de outra acaba fazendo que este fique “reprimido” na sua cadeira e não dialogue perante aos assuntos expostos na sala de aula, aceitando tudo o que o professor expõe. Os discentes, diante da opressão, sentem-se presos na “metodologia do poder”, pois não possuem escapatória desse método de ensino, sendo obrigados a aceitar. No entanto, alguns enfrentam o poder para mudar a forma que o professor ministra as suas aulas.

Segundo Cunha (1989), a sala de aula é um lugar privilegiado onde se realiza o ato pedagógico escolar. Percebe-se que as relações de poder permeiam o papel do professor e são, ao mesmo tempo, causa e consequência da realidade escolar.

Cunha ainda afirma, em seu livro, que a sociedade contemporânea já produziu a ideia do professor-sacerdote colocando a sua tarefa em nível de missão, semelhante ao trabalho dos religiosos. Desta forma a mistificação desse professor foi considerada um produto social, no qual, interferiu no modo de ser (competência) e no seu modo de agir (habilidade).

O DESAFIO DO PROFESSOR ENQUANTO MEDIADOR NA SALA DE AULA

O papel do professor é diferenciado diante dos desafios de um currículo conteudistas. Esse não deve ser um transmissor de informações. O docente precisa estar integrado com o componente curricular e não somente com seu conteúdo, deve ser dinâmico através dos conhecimentos de outras áreas. Segundo Moreira (1997) diz que “o professor universitário é a mais frequente vítima dessa sequência, mormente se considerarmos as mazelas, tão conhecidas, do ensino brasileiro”. Muitas vezes, o que lhe resta é mutilar o conteúdo, tornando-se mais um elemento da cadeia passiva.

Para Masetto (2015), a mudança está na transformação do cenário do ensino, sendo o professor o foco; para um cenário de aprendizagem, em que o aprendiz (professor e aluno) ocupa o centro e, professor e aluno tornam-se parceiros e coparticipantes do mesmo processo.

É exigido que se produza o conteúdo em harmonia com os alunos, e a interdisciplinaridade se torne recorrente no processo de ensino. Conhecer o aluno também integra uma parte importante do conjunto de competências e habilidades que esse profissional deve apresentar, porque precisa aproximar-se de seu público alvo. Propiciando a interação com seus discentes para saber como e quem apresentará o conteúdo, e qual resultado pretende alcançar, estimulando percepção do aluno para utilização daquele conhecimento a ser formado no mundo.

Nesse sentido Libâneo (1994) afirma que “o professor tem como principal característica a mediação entre o aluno e a sociedade”, para isso, considera o aluno como ser integrante dessa sociedade, com uma história e bagagem de conhecimentos prévios, planejando, desenvolvendo suas atividades e formas de avaliação de acordo com essa realidade.

Ensinar é a transmissão de conhecimentos teóricos ou práticos, de técnicas ou de métodos, realizados por um professor e destinados a alunos, como aponta Freire (2011) “o conhecimento envolve a constante unidade entre ação e reflexão sobre a realidade”. Na sociedade em que vivemos em constante mudança, o professor mediador, contribui para o crescimento do aluno em conhecimento e experiência, uma vez que este desperta a curiosidade e vai à busca de respostas.

O professor na sala de aula deverá ter empatia e noção da compreensão do aluno na sala de aula perante aos conteúdos expostos, sendo diferentes as

dimensões cognitivas e intelectuais. O professor no primeiro instante com o aluno deve fazer o levantamento de informação, no qual se chama de mapeamento, pois é um processo de levantamento de competências, tanto do professor quanto do indivíduo. Dito isso, o professor observará as variações que os alunos terão diante sua presença, podendo ser negativa ou positiva.

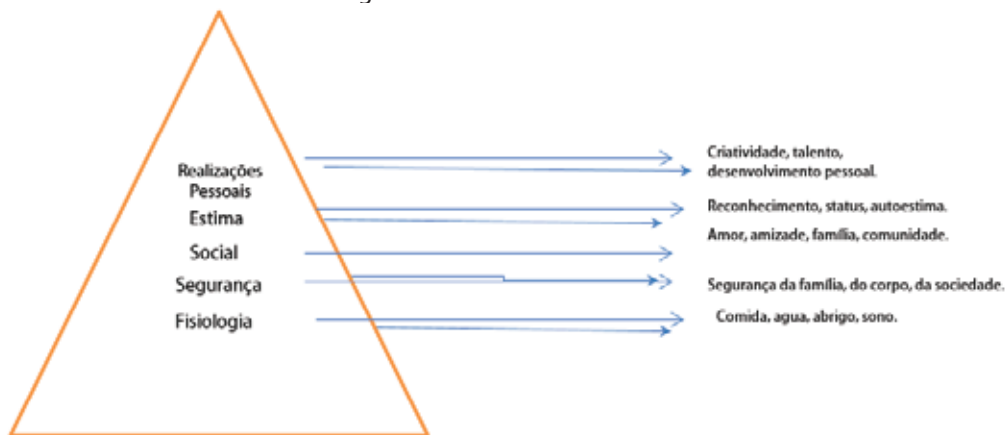
Para Moreira (1997), o professor não possui instrumentos formais para medir a dimensão cognitiva – no máximo, procurará levantar informações sobre possíveis apresentações de conteúdos anteriores que sejam importantes em seu curso.

Uma das mais importantes tarefas do professor na sala de aula é fazer questionamentos, ouvir opiniões sobre o determinado assunto e solicitar resenhas críticas. Em algumas situações, o professor terá somente uma noção da aprendizagem dos alunos, após uma avaliação formal. O professor é observado desde o instante que entra em sala, a sua postura perante a classe, as suas propostas de atividades a serem desenvolvidas no determinado semestre e se é um professor que tem o fator motivacional para encorajar os alunos no processo de ensino-aprendizagem.

A MOTIVAÇÃO DO DOCENTE UNIVERSITÁRIO

Para se chegar à motivação dos professores em sala de aula, é preciso entender o que é a motivação e como ela ocorre. A motivação significa mover, ou agir conforme uma necessidade ou dificuldade prevista. É possível compreender que, a motivação requer uma razão ou causa específica, por isso está ligado a fatores psicológicos. Para entender melhor sobre a motivação humana é preciso, também, analisar sobre o que é motivo: motivo é algo que se justifica para se chegar a um objetivo específico.

Figura 1: Pirâmide de Maslow



Fonte: HUFFMAN, Karen. Psicologia. São Paulo: Atlas, 2003.

Segundo Gil (2015), “motivos são as forças que estimulam a satisfação das necessidades humanas, que vão desde as mais essenciais, como as de comida, bebida e repouso, até as mais sofisticadas, como as de estima ou de auto realização”. Os motivos estão assim, organizados por categorias como: motivos relacionados com as necessidades fisiológicas ou motivos de sobrevivência; motivos sociais ou de interação e motivos pautados à competência do EU, (pag.86).

Embora o termo *motivação* apareça com frequência em literaturas científicas, sua definição não é muito clara e precisa na área da educação e em outras áreas. Para a psicologia, existe uma definição mais precisa sobre motivação. Lindsley (1957) define a motivação como “uma combinação de forças que inicia, dirige e sustenta o comportamento em direção a um objetivo”.

A prática docente e seu aspecto motivacional requerem analisar que o profissional da educação (mais precisamente, o professor) em seu ambiente de trabalho, se diferencia dos demais profissionais, pois lida diretamente com outro ser humano, buscando aperfeiçoar seu aprendizado e conhecer melhor o público discente que possui para entender suas capacidades e limites.

É visível notar que, alguns professores, chegam à sala de aula, desmotivados e, mesmo sem intenção, deixam transparecer, ocasionando agravamento de rendimentos, evasão e desistência do corpo docente. São diversos os motivos, pois envolve desde aspectos salariais, salas lotadas e falta de recursos.

No processo de aprendizagem, o aluno aprende para obter algum resultado ou recompensa. E o professor o motiva na esperança de que alcance o objetivo nos estudos, mas é fato que, ninguém poderá obrigá-lo a aprender, caso não queira. É preciso ressaltar que o aluno não possui, em alguns casos, educação fora do ambiente escolar e os papéis de filho/aluno e pai/educador estão invertidos, logo, fica a cargo do professor a responsabilidade de ensinar o que deveria ser responsabilidade dos pais.

Segundo Carvalho, Pereira e Ferreira a prática do professor é:

(...) é um fator propulsor no processo de motivação para aprendizagem. Contudo, quando o docente não é provido de condições favoráveis de trabalho ou a ocorrência de fatores externos influenciam em sua condição motivacional, conseqüentemente, repercutirá em sua prática e poderá comprometer a aprendizagem dos alunos. (2014, p.09)

Poucos são os estudos voltados aos questionamentos sobre a motivação dos professores. Além disso, falar sobre tal assunto requer também um olhar especial sobre o processo de formação desse profissional. O professor em sua formação nas licenciaturas se depara muitas vezes com ilusões falsas sobre as salas de aula, e ainda, aulas acadêmicas cansativas, maçantes e com muitas teorias, muitos livros e apostilas para ler. É preciso notar que o próprio professor universitário que prepara

outro profissional da educação e, às vezes, desestimula ainda mais o acadêmico, pois faz comparações acerca do baixo salário, salas lotadas etc., ou seja, uma série de fatores que acaba desmotivando mais ainda esse futuro professor.

É preciso indagar o aluno a sentir interesse pelo aprendizado, fazê-lo investigar, pesquisar, propiciar a descoberta. Compreender para quê servirá aquele aprendizado também é importante para o aluno, pois leva-o a pensar que o aprendendo se tornará útil e terá outro sentido para sua vida. Além disso, não se pode afirmar que é o professor quem motiva os estudantes a aprender, mas que existe uma série de fatores que contribuem para favorecer esse processo nos estudantes no estímulo de seu melhor aprendizado.

METODOLOGIA

A natureza dessa pesquisa é qualitativa. Segundo Diehl (2004, p.33), a pesquisa é qualitativa, que, por sua vez, descreve a complexidade de determinado problema, sendo necessário, compreender e classificar os processos dinâmicos vividos nos grupos e contribuir no processo de mudança, possibilitando o entendimento das mais variadas particularidades dos indivíduos.

A pesquisa qualitativa se dedica à compreensão dos significados dos eventos, sem a necessidade de apoiar-se em estatísticas. Ela é considerada essencialmente de campo, porquanto nas ciências sociais a maioria dos estudos está relacionada a fenômenos de grupos ou sociedades, razão pela qual o investigador deve atuar onde se desenvolve o objeto de estudo, onde este trabalho nos levará a investigar, adotando a fenomenologia como base científica para moldar a compreensão da pesquisa, respondendo a questões dos tipos “o que?”, “por que?”, e “como?”. Conforme (ARAÚJO; OLIVEIRA, 2006, p. 46).

Quanto aos fins a pesquisa será de cunho exploratório, sendo uma forma de investigação do espaço e dos objetos. Para Gil (1946, p. 41), tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vista a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. E o seu meio sendo bibliográfico, cujas fontes serão baseadas em materiais já elaborados por autores. Segundo Marconi (2010, p. 57) a pesquisa bibliográfica, ou fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico.

Quanto aos meios de investigação, refere-se a uma pesquisa bibliográfica. Diz em Vergara (2009, p. 43), “porque serão utilizados estudos com base em materiais já existentes, como referências teóricas publicadas em livros, jornais, revistas, redes eletrônicas, relatos de funcionários locais, sendo estes materiais que contribuam para o desenvolvimento da pesquisa”.

PROPOSTAS DE MELHORIAS

A relação ensino e aprendizagem é um processo que sempre esteve presente na vida dos seres humanos, mas no que se refere ao âmbito universitário, para se obter êxito nessa relação é preciso que se tenha um bom conhecimento do assunto e o uso de recursos didáticos pelo professor.

Segundo Aurélio (2002), didática é arte de ensinar; o procedimento pelo qual o mundo da experiência e da cultura é transmitido pelo educador ao educando, nas escolas ou em obras especializadas. Conjunto de teorias e técnicas relativas à transmissão do conhecimento. Para Masetto (2015, p. 32), Didática é “o estudo do processo de ensino-aprendizagem em sala de aula e de seus resultados” e surge, enquanto os adultos começam a intervir na atividade de aprendizagem das crianças e jovens através da direção deliberada e planejada do ensino, ao contrário das formas de intervenção mais ou menos espontâneas de antes.

Falar de metodologias utilizadas em sala de aula requer um conceito para que possamos entender qual a finalidade dessas no que diz respeito à motivação dos professores e alunos para um melhor ensino-aprendizagem nas instituições.

A metodologia em sua quase totalidade está centrada em transmissão ou comunicação oral de temas ou assuntos acabados por parte dos professores (aulas expositivas), ou leitura de livros e artigos e sua repetição em classe – predomínio de um programa a ser cumprido. A avaliação é usada como averiguação do que foi assimilado do curso, mediante provas tradicionais e notas classificatórias e aprobatórias ou não. (MASETTO, 2015, pg.86)

Em um conceito mais resumido Marconi & Lakatos (2010) afirma que: [...] metodologia, por sua vez, engloba métodos de abordagem e de procedimento e técnicas. A importância da didática e do papel do professor se torna eficaz para se chegar às metodologias ativas de ensino-aprendizagem como recursos utilizados em sala de aula para um melhor desempenho do professor e um melhor aprendizado de seus alunos.

Podemos entender Metodologias Ativas como formas de desenvolver o processo do aprender que os professores utilizam na busca de conduzir a formação crítica de futuros profissionais nas mais diversas áreas. A utilização dessas metodologias pode favorecer a autonomia do educando, despertando a curiosidade, estimulando tomadas de decisões individuais e coletivas, advindos das atividades essenciais da prática social e em contextos do estudante. (BORGES e ALENCAR, 2014, pg. 120).

De acordo Berbel (2011), as Metodologias Ativas baseiam-se em formas de desenvolver o processo de aprender, utilizando experiências reais ou simuladas, visando às condições de solucionar, com sucesso, desafios advindos das atividades essenciais da prática social, em diferentes contextos.

É importante lembrar que, para um professor que estuda em toda a sua graduação as técnicas adequadas de ensino-aprendizagem, tal docente obterá êxito durante suas aulas e um melhor resultado perante as avaliações dos seus alunos, porém para aquele professor que só passou pelo magistério, quase não tendo uma formação básica e pedagógica, o processo de aprendizagem e o uso de suas técnicas de ensino será muitas das vezes um problema para esse docente, salvo aqueles que já têm um “dom” de ensinar, que realmente gostam do que fazem.

Os métodos de ensino, segundo Carvalho (1973), se classificam em:

Métodos individualizantes de ensino (são aqueles que valorizam as diferenças individuais), métodos socializantes de ensino (são aqueles que valorizam a interação social) e métodos sócio individualizantes de ensino (são aqueles que envolvem as duas atividades anteriores).

Vale ressaltar que as metodologias ativas ainda estão em fase de desenvolvimento no Brasil, sendo utilizadas apenas em algumas faculdades. O professor precisa inovar utilizando-se de várias técnicas e métodos para aprimorar suas aulas a fim de que se tornem mais dinâmicas. Ele não pode tornar as aulas repetitivas, permanecendo na mesmice. Ele precisa se aperfeiçoar para que seu trabalho se torne uma educação de qualidade. Assim, é necessário promover a participação de seus alunos nas aulas de maneira que ela se torne produtiva, precisa indagar instigar o aluno e despertar um interesse diferenciado; motivar o entusiasmo para que o discente seja assíduo e tenha vontade de aprender.

Para usar as metodologias, é necessário entrar em duas vertentes: a de que o professor precisa ter o domínio do conteúdo de ensino, e o domínio das ciências de educação que lhe permitirão compreender e realizar o processo pedagógico. Para a educação básica existe na formação dos professores o reconhecimento constante desse saber. Já na educação superior, não há uma exigência para que o professor se utilize do saber em sua formação pedagógica, porém, não se pode negar que esse conhecimento não lhe seja útil e necessário.

Como já foi citado anteriormente, existem inúmeros tipos de metodologias ativas que são usadas para um melhor desempenho dos docentes em sala de aula. Porém, no quadro a seguir, serão mostrados quais são as mais utilizadas e como elas estão organizadas:

Quadro 1: Exemplos de Metodologias ativas

Métodos	Exemplos
Métodos Individualizantes	Aulas Expositivas
	Estudo dirigido
	Entrevista
	Estudo com fichas
	Estudo de caso
	Instrução programada
	Módulo instrucional
	Leitura
	Sistema explorar
Métodos Socializantes	Debate
	Demonstração
	Dialética
	Diálogos sucessivos
	Discussão circular
	Discussão em pequenos grupos
	Grupo na Berlinda
	G. V. G. O
	Júri pedagógico
	Júri Simulado
	Painel Integrado
	Phillips 66
	Seminário
Tempestade Cerebral	
Métodos sócios individualizantes	Exposição oral
	Método da descoberta
	Método de solução de problemas
	Método de projetos
	Perguntas e respostas
	Resumo

Quadro 1. Exemplos de Metodologias ativas, Fonte: Procedimentos de ensino: um movimento entre a teoria e a prática pedagógica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir com essa pesquisa que o uso das metodologias ativas nas aulas poderia promover a melhoria do processo de ensino e aprendizagem. É fato, também, que para a utilização de tais metodologias o professor precisa estar preparado e capacitado, deixando de lado seus problemas pessoais, a fim de não

prejudicar a motivação dos alunos.

A formação dos professores se torna um meio primordial no papel do professor, capacitação dos docentes e integração nas instituições de ensino. Dessa forma, queremos deixar como proposta uma melhor estrutura, ambiente adequado e material acessível para os professores, ou seja, melhorias para a qualidade de ensino oferecendo condições aos docentes e discentes de se apropriarem do conhecimento através de pequenos projetos planejados a partir de seus próprios interesses e de situações reais. Sabemos que a realidade da educação em nosso país não condiz com nosso objeto de pesquisa. No entanto, é importante salientar que estamos falando do ensino superior em que, na maioria das vezes, lidamos com pessoas adultas, com consciência formada, e com professores com uma elevada experiência.

Desse modo, trabalhar com a questão humanitária dentro de sala de aula requer melhor forma de aprender. Que o professor aprenda a conviver com seus alunos e que possa saber de fato quais suas dificuldades, quais seus objetivos diante do que lhe é posto. Não que o professor chegue a utilizar todas as metodologias aqui mostradas, mas que ele saiba usar pelo menos uma ou duas, a ponto de obter um resultado significativo nas aulas no início e ao final das avaliações.

O professor do século XXI, precisa pensar em novos métodos, e precisa ter ferramentas de ensino que possa utilizar em sala de aula, a fim de que suas aulas possam se tornar dinâmicas e prazerosas, sem se deixar levar pelo método tradicional, sem ser conteudista. Dessa forma ele vai motivar seus alunos e se tornar mais que um mediador do conhecimento em sala de aula.

Pensando nisso, chegamos à seguinte conclusão: os professores estão sendo motivados e preparados a utilizar tais metodologias ativas nas salas de aula universitárias? Em nossa realidade, como pós-graduandos desse curso percebemos que a grande maioria ainda não consegue realizar esse trabalho com êxito, tornando as aulas um pouco tradicionais e chegando a ser maçantes e cansativas.

REFERÊNCIAS

AURELIO, **O minidicionário da língua portuguesa**. 4ª edição revista e ampliada do minidicionário Aurélio. 7ª impressão – Rio de Janeiro, 2002.

BERBEL, N. A. N. **As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes**. Semina: Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011.

BORGES, Tiago Silva, ALENCAR, Gidélia. **Metodologias Ativas na promoção da formação crítica do estudante: O uso das metodologias ativas como recurso**

didático na formação crítica do estudante do ensino superior. Cairu em Revista. Jul/ago 2014, Ano 03, nº 04, p. 1 19-143.

BRUNNER, Reinhard. **Dicionário de psicopedagogia e psicologia educacional.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

BROWN, G. (1985). Lectures. In HUSEN, T.; POSTLETHWAITE, T. N (ed.). **The International Encyclopedia of Education.** Oxford, Pergamon Pres, v.4, pp. 2987-2991.

CARVALHO, I. M. **O processo didático.** Rio de Janeiro. Fundação Getulio Vargas, 1973.

CARVALHO, M. F. N.; PEREIRA, V/C.; FERREIRA, S/P/A. **A (des) motivação da aprendizagem de alunos de escola pública do ensino fundamental I:** Quais os fatores envolvidos? 2007. Disponível em: http://www.ufpe.br/ce/images/Graduacao_pedagogia/pdf/2007.2/a%20desmotivao%20a%20aprendizagem%20de%20alunos%20de%20escola.pdf. Acesso em: 10. ago.2014.

COELHO, Lívia Dias. **Procedimentos de ensino: um movimento entre a teoria e a prática pedagógica.** Champagnat. Curitiba, 1997.

DIEHL, Astor Antonio. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas.** São Paulo: Prentice Hall, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido** 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, Antônio Carlos. **Didática do ensino superior.** 1ª ed. São Paulo: Atlas, 2015.

GODOY, A. S. **Ambiente de ensino preferido por alunos do terceiro grau: um estudo comparativo.** São Paulo: 1989.

HUFFMAN, Karen. **Psicologia.** São Paulo: Atlas, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** Ed. Cortez: 1994.

LINDSLEY, D.B. **“Emotions and the eletroencephalogram”.** In: M.L. Reynert (ed), *Feelings and Emotions.* Nova York: McGraw-Hill, 1950.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATO, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia**

científica. 7ª. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MASETTO, Marcos Tarciso. **Competência pedagógica do professor universitário.** 3ª ed. São Paulo: Summus, 2015.

MOREIRA, Daniel A. **didática do ensino superior:** técnicas e tendências. São Paulo: Pioneira: 1997.

SEVERINO, Antônio Joaquim 1941. **Metodologia do trabalho científico.** 23ª ed. rer. e atual; - São Paulo: Cortez, 2007.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **A prática pedagógica do professor de didática.** Campinas, SP: Papyrus, 1989.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** 12ª ed. São Paulo: Atlas. 2010.